

DN 19-2-49

O CABOCLO BERNARDO

RUBEM BRAGA

1232

Parece que não tinha nenhum sangue europeu; era apenas um índio, com seu nome cristão de Bernardo José dos Santos. Era alto, de espaldas largas, a cara grande. Vejo numa gravura da época sua basta cabeleira negra, e um bigode ralo que lhe cai pelo canto da boca, no feitio mongol. A cara é enérgica e suave, e as sobrancelhas finas se unem no centro, sob uma ruga vertical na testa; suas extremidades descem, numa curva em que se lê obstinação. O caboclo Bernardo está com 28 de idade no dia 7 de setembro de 1887. E' nascido ali mesmo onde vive, no povoado de Regencia Augusta, antiga Barra do Rio Doce — e como seu pai, o velho Manduca, conhece o rio, o mar, e a mata. Foi naquele 7 de setembro, a uma e quarenta da madrugada, sob um raivoso sudoeste e grande escuridão, que o cruzador Imperial Marinheiro, um dos mais novos barcos da Marinha de Guerra Brasileira (deslocamento, 726 toneladas; boca, 8 m 24; calado 3 m 40; máquina 150 cavalos; marcha horaria, 11 milhas; armamento, 7 canhões de 32 e 4 metralhadoras, com 142 homens a bordo, chocou-se contra o pontal Sul da barra do Rio Doce, a 120 metros da costa. Foi arreado um escaler com 12 homens; o mar arrebentou o escaler, mas 12 homens chegaram às 2 da madrugada à cabana do patrão-mor da barra para pedir socorro. No escuro, e sem nenhuma embarcação diante do mar furioso, os homens ficaram na praia enquanto o mar esfrangalhava o cruzador. Quando veio a luz do dia os naufragos estavam reunidos nas partes mais altas, ainda não submersas do barco, e os tubarões rondavam entre as ondas encapeladas.

O caboclo Bernardo jogou-se ao mar tentando levar até o cruzador um cabo de espia. Luta contra as ondas, mas é jogado na praia. Tenta ainda uma vez, e volta novamente, depois de uma luta terrível contra a força das ondas. Sua mãe, uma cabocla velha, pede-lhe para não insistir, mas ele se lança ainda uma vez à água. Parece que da primeira vez teria levado o cabo, excessivamente pesado, amarrado à cintura; de outra o amarrara à sua rede, com tremalhos de cortiça, ou a uma linha de pescar, que puxaria pelos dentes. O fato é que luta em vão contra as águas açoitadas pelo vento; e regressa à praia exausto. Os naufragos olham tudo aquilo com angústia. O caboclo Bernardo se desvencilha dos braços dos que querem detê-lo, e entra no mar pela quarta vez. Nada com desespero em direção ao navio, mas não avança; pouco depois é jogado à praia. Levanta-se — e volta ao mar. Só então, pela quinta vez, consegue chegar até o navio com o cabo salvador. Forma-se um cabo de vai e vem, e os marinheiros saltam de bordo agarrados a ele para chegar em terra. Muitos o conseguem. Outros, enfraquecidos pelas horas de tormenta, não resistem e morrem. O caboclo Bernardo joga então ao mar a única embarcação que resta, uma pequena chalana. Pede dois marinheiros para ajudá-lo, e ligando essa chalana ao cabo leva os naufragos para terra, de dois a dois. De vez em quando a chalana virava; o caboclo Bernardo, com seus dois companheiros, caíam nagua para virar a embarcação e segurar os naufragos. Trabalham assim durante horas, até que o mar despedaça de uma vez a chalana. Havia ainda 13 homens a bordo, que afinal se salvaram em uma jangada improvisada, agarrando-se ao cabo. Graças ao brutal heroísmo do caboclo Bernardo foram salvos 128 homens em um total de 142.

Estas notas eu as extraio do livro do sr. Nerbertino Bahiense O Caboclo Bernardo e o Naufragio do Imperial Marinheiro, que acaba de ser publicado em Vitoria; e o que não está no livro me contou o velho Meireles, numa destas manhãs de chuva e sudoeste, ali mesmo na barra, onde tudo assistiu. Deixo para outra cronica o resto da historia desse caboclo Bernardo, tão rude e tão bom.

19.2.49

RN 406 e 407

Livros: "Cronicas do ES" e "As bras..."

64